

Uma vez escrevi um poema. Dei-lhe o título de *Buchenwald*. Título terrivelmente circunstancial. Reconheço-o agora. Mas naquela altura estava obcecada, supunha-o um título imorredouro.

Aliás, o poema tinha-me saído das entranhas. Querem crer que até chorei ao escrevê-lo? É uma vergonha isto de chorar por coisas que nascem folhas caducas e que o vento leva depressa para o reino do esquecimento. Mas digam-me: o que se há-de fazer? Deixar de falar? Deixar de protestar? Não estou pelos ajustes!

Enfim, era desse teor o meu poema, coitado.

Andava com o desejo de o mostrar a alguém. A alguém que não fosse da família. Queria saber que efeito teria num leitor desprevenido. Mas conhecia pouca gente na cidade. Quem havia de ser, portanto? O meu vizinho e eu só trocávamos, muito bem comportados, os formais cumprimentos de «boa tarde, passou bem?» Talvez por ser esta a melhor maneira de não arranjarmos sarilhos um com o outro. Por isso seria inconcebível se eu, de repente, acrescentasse ao habitual «boa tarde, passou bem?» uma longa frase como, por exemplo, «sabe, meu caro, escrevi um poema, gostava que

o lesse». Seria mesmo absurdo e um atrevimento. Por fim ocorreu-me a Etelevina.

A Etelevina estava com a sogra na sala de estar. Ambas tricotavam, a Etelevina um *pull-over* e a sogra uma camisola. Ao mesmo tempo queixavam-se da criada que tinham metido há poucas semanas e que lhes saíra, no dizer delas, uma peste.

Ansiaava que acabassem com aquilo, queria meter o poema.

Finalmente a Etelevina perguntou-me pela saúde, pela família e por tudo que é de boa educação perguntar. Respondi como me competia e, depois, impingi-lhe aquela frase que não me convinha impingir ao vizinho por não ter bastante intimidade com ele.

— Um poema! Mas que interessante! — exclamou Etelevina, que tinha uma notória preferência pela palavra «interessante». — Mostre lá.

Entreguei-lho. Soltou do peito o ganchinho que lhe segurava o fio de lã e deixou cair o *pull-over* no regaço. Começou a ler.

Eu, toda interessseira, para que a sogra não a distraísse, pus-me a examinar a camisola que esta estava a fazer: — Que linda cor, bonito ponto... Mas a sogra, tão obcecada pelas criadas como eu

pelo cataclismo, voltou ao seu tema. Eu fiz que
sim e que não com a cabeça.

— Pois a nossa é uma peste — tornou a afirmar.
mar.

— Ah, sim, não ponha dúvidas! — intrometeu-se Etelvina, exaltada.

O sangue gelava-se-me nas veias. Deixei cair os olhos sobre a folha de papel, agora pousada no *pull-over*. Vi a ponta dum dedo de unha cor de sangue a marcar a linha onde tinha sido interrompida a leitura: «e agora estas mãos sem vida...»

E fui tão cobarde que deixei Etelvina ler o meu poema até ao fim.

Retta
ou
os Ciúmes da Morte

QUANDO, há vinte anos, o meu amigo Franz veio para Portugal, certo dia um engraxador da Brasileira, que Franz frequentava, cumprimentou-o com um: «Boa tarde, senhor França.»

— França?! — perguntou-lhe Franz, surpreendido.

— Então? — replicou com pachorra o engraxador. — Sempre soa melhor do que Frantch, e diz bem com o senhor, que vem do estrangeiro.

— Mas não da França...

— Ora, ora. É estrangeiro, pronto.

Como esta conversa se divulgou, não sei. Provavelmente foi o próprio Franz quem mais contribuiu para isso. A verdade é que todos os conhecidos passaram a chamar-lhe França. E não há dúvida: o nome diz bem com ele, pois o França é moreno e franzino. Por esta e por outras razões,

os seus pais teriam talvez feito melhor em pôr-lhe, por exemplo, o nome de Jacob ou Samuel.

O França é um homem de olhos bons e quentes, que gosta do seu semelhante dum modo natural e evidente. Por não saber dizer «não», quando gostaria de dizer «não», julga-se cobarde, mas os seus amigos, justamente por isso, consideram-no a bondade em pessoa. Se quem tem razão é ele ou os amigos, não me atrevo a discutir, pois os contornos das qualidades humanas nunca são nítidos, mas sim esfumados como os tons das paisagens.

O França não é pontual nem metódico. Assim, por exemplo, não sabe o horário do seu carro eléctrico, embora já o utilize há mais de dez anos. Podemos encontrá-lo frequentemente na paragem, encostado a uma árvore a ler o jornal, com medo de chegar tarde a casa para comer.

Muitas coisas se poderiam dizer do França. No entanto, como não vou tratar essencialmente dele, mas de Retta, limitar-me-ei a salientar mais uma das suas estranhas e extraordinárias características: o França inspira uma confiança sem par. Toda a gente, mesmo a mais reservada e discreta, se sente tentada a desabafar com ele. Será por causa do calor dos seus olhos, do raro dom de

saber escutar os outros, do seu natural amorável, ou por tudo isso junto? Seja como for, o que sei é que o França tem encontros imprevistos, como mais ninguém tem, e que todos os corações, em geral tão fechados para os outros, se lhe abrem inteiramente.

Vou hoje relatar um desses encontros que mais o impressionarão, e oxalá consiga fazê-lo com a mesma simplicidade com que ele me deu a conhecer.

Era uma tarde de Outono muito ventosa. França estava parado no quiosque da Rua de Santa Catarina a folhear o *Frankfurter Rundschau* e a cavaquear afavelmente com a dona sobre isto e mais aquilo, sobre a situação geral, sempre tão incerta e instável, quando sentiu uma mão pesada no ombro, e ouviu uma voz rouca perguntar-lhe:

— É alemão?

França estremeceu. Todas as pessoas expulsas do Terceiro Reich, perseguidas e apouquentadas por todas as polícias internacionais do Mundo, estremecem quando sentem pousar-lhes no ombro a mão de alguém que não vêem, e mais ainda quando ouvem a pergunta: «É alemão?» Creio que não-de estremeecer em ocasiões destas até ao fim da vida.

— Sou — respondeu o França, com fingida calma.

Podia ter esclarecido melhor. Por exemplo: «Tenho outra vez licença de ser alemão, para variar. É que durante estes vinte anos sem fim não fui coisa nenhuma. Ou pensa o senhor que se é alguma coisa quando se não tem passaporte nem nacionalidade?»

Mas não é costume ser-se tão comunicativo logo à primeira com um desconhecido e, muito em especial, quando se sente a sua mão no ombro. França tinha-se virado. O estranho retirou a mão. Como já se disse, França é de estatura meã. Por isso, teve de erguer a cabeça para poder ver a cara do outro, homem notavelmente alto. Deixem-me dizer que, apesar de todas as ideias feitas, há portugueses muito altos e alemães muito baixos.

Da cara cor de cera do homem, os olhos do França seguiram para o chapéu descommunal de aba larga, que dava ao desconhecido um ar fantasmagórico.

«Por que raio traz ele esta roda de carro na cabeça?», perguntou França de si para si. É que França, até nos momentos mais embaraçosos, conserva a capacidade de gracejar com os seus botões.

Depois o seu olhar desceu de novo para a cara pálida e viu dois olhos pretos, aflitamente torturados. E logo leve pena de não ter sido mais amável. Pelo que perguntou:

— Porque é que o senhor quer saber se sou alemão?

— Porque me morreu a mulher — respondeu o estranho, cujos olhos estavam agora carregados de tortura.

França estremeceu. Trocou com a dona do quiosque um olhar significativo e ela levou o indicador à testa.

Então França levantou a pasta do chá, dobrou o *Frankfurter Rundschau* e disse:

— Até amanhã.

Atrapalhado, acenou ao homem de chapéu descommunal.

Fixou, de novo, aqueles olhos torturados e pensou: «Eu conheço estes olhos. Onde foi que os vi?»

— Sinto muito — disse apressado, e achou-se estúpido depois da frase banal.

— Posso acompanhá-lo um bocado? — perguntou o desconhecido.

— Se tem gosto nisso... — respondeu o França, amaldigoando a sua cobardia.

— Mas para onde vai? — perguntou o estranho com a sua voz rouca.

— Desço Santo António.

O desconhecido fez que sim com a cabeça, como quem concordava que se descesse Santo António.

Durante uns momentos caminharam sem trocar uma palavra. Depois o França tirou do bolso um maço de *Tagus*, rasgou-o distraidamente e estendeu-o ao outro:

— Fuma?

— Obrigado, não fumo.

Pararam. França acendeu o cigarro, encolhendo a cabeça na gola levantada da gabardina.

— Uma ventania dos diabos — comentou.

— É verdade — respondeu o estranho.

E voltaram a caminhar. De repente o estranho disse:

— Era sua compatriota. Suicidou-se na semana passada.

França ergueu o olhar. Queria parecer-lhe que tanto o chapéu como os olhos do outro eram maiores ainda do que há pouco.

— Que horror — disse.

— Não consigo perceber porque fez isso...

O estranho decerto esperava qualquer comentário. França, porém, limitou-se a suspirar. Não sabia por que razão essa mulher desconhecida se tinha fartado de viver. Então o estranho continuou:

— E eu que era tão amigo dela! Pode crer, não há muitos homens assim, tão amigos da mulher. Consentia-lhe as coisas mais disparatadas... (abanou a cabeça como se, mesmo agora, ainda não conseguisse atinar com a causa de tanto disparate). Uma vez mandei-lhe vir seis garrafas de vinho de Mosela para a festa do fim do ano. Matava-me o bicho do ouvido que o vinho de Mosela era uma delícia, mil vezes melhor do que o nosso, leve, picante, e sabe Deus que mais. A coisa ficou-me cara só pelos direitos. E tendo a gente aqui o melhor vinho por dez réis de mel coado... Perdão, se calhar aprecia também o vinho de Mosela.

— Eu? — o França riu-se. — Por amor de Deus! Para mim não há como um bom copo do verde.

— Diz bem, diz bem.

O estranho parecia muito satisfeito com o França.

— Também não deito fora um bom maduro tinto — acrescentou logo o França, que queria desviar o outro do seu tema.

— Ela achava-o pesado — disse o estranho. — Com um copito ficava tolhada.

— As mulheres não aguentam muito vinho.

Tinham chegado a S. Bento, ao correio.

— Desculpe — disse o França. — Tenho de ir registar umas cartas.

Quando voltou, um grupo compacto esperava pelo sinal do polícia para atravessar a rua. Só depois de toda aquela gente ter passado à ordem do apito do polícia, entre os riscos dos paralelepípedos vermelhos e brancos, e de uma mulher, com um caixote à cabeça, sair da frente do França, é que este reparou que o estranho continuava no lugar onde o deixara. Não escaparia. Que remédio senão ouvir a história da mulher morta! Embora nessa tarde preferisse uma história alegre, pois o dia correra duro e com pouco rendimento.

— E se tomássemos um café? — perguntou ao estranho, apontando para o outro lado da rua.

— Eu estava naquele quiosque porque ao lado fica o restaurante onde a Retta e eu costumávamos almoçar...

O estranho deitou várias colheres de açúcar, mas de repente parou e, de colherzinha espetada, disse, olhando com ar interrogador para o França:

— Ela chamava-se Retta.

— Um nome bonito — disse França, por cortesia.

O outro deitou mais uma colher de açúcar e mexeu demoradamente o café. O França via-lhe a mão a tremer.

— Estive a observá-lo um bocado, durante a sua conversa com a dona do quiosque. Inspirou-me confiança. É raro os alemães inspirarem confiança. Têm quase todos um não sei quê de soberbo, de bazófia que repugna. Mas o senhor tem um ar simples, natural...

— Acha? — interrompeu o França. Eriu-se.

— Também não passo dum mísero representante de fazendas de Manchéster.

O outro não se impressionou.

— Talvez possa ajudar-me. Talvez possa perceber tudo isto. Ao fim e ao cabo sempre era sua compatriota.

Os olhos do estranho pareciam de novo os dum animal, de tão carregados de tortura. O França não conseguia lembrar-se onde já os tinha visto.

— Ser compatriota não basta para poder compreender as acções e o temperamento de uma pessoa — explicou.

— Sem dúvida. Era o que dizia a Retta, que teve as mais desagradáveis experiências com os seus compatriotas cá da cidade. Foi no primeiro ano de casados. Andava ela a querer arranjar relações, convivência. Era natural que procurasse os compatriotas. Falavam a sua língua, cozinhavam o seu *Rotkohl*, o seu *Sauertraut*, o seu *Pfannekuchen* e toda essa tralhada intragável. Mas isso sim! Com caras hipócritas os queridos compatriotas davam-lhe a entender que não queriam nada com ela. E porquê? Porque tinha sido bailarina de revista...

— Hum — disse o França. — Os preconceitos acabam com a amizade entre compatriotas e em geral com qualquer amizade.

— Mas Retta não tomou a recusa a sério. Pelo contrário. Achou graça, gozou com o caso, parecia uma criança. Imitava as damas alemãs, muito gordas, com os seus vestidos de mau gosto... Era im-

pagável quando imitava alguém, sabe? Ainda a estou a ver como se fosse ontem: na cabeça um velho chapéu de feltro, uma rosa amarela de papel espetada, e debaixo da saia duas almofadas. Balouçava-se dum lado para o outro a representar uma tal *Frau Kolleneier*. E eu tinha de fingir que era ela, a Retta, e de ouvir um longo palavreado, sem perceber patavina... (riu-se baixinho). Ela era assim quando estava alegre e bem disposta.

Os olhos do estranho interrogaram de novo o França, como se esperassem aplausos por a mulher ter representado tão bem o seu papel. Mas França calou-se. Nem sequer sorriu. E o outro continuou:

— Desde então chamava aos compatriotas *Hampelmaenner*. «Encontrei hoje um *Hampelmaenn*, dizia, ou: Olha! Olha! Aquelles são *Hampelmaenner*...»

Então é que França se riu: — Isso tem muita graça.

— Mereciam a troça. Podiam, ao menos, ter tido pena dela por se sentir uma estranha e quase não falar o português, e eu mal sabia meia dúzia de palavras de alemão. A propósito: já estive alguma vez na serra do Spessart?

— Não, nunca estive.

— É que Retta era do Spessart, duma miserável aldeia com menos de mil habitantes. Mas ela erguia-a até aos píncaros da Lua, como se se tratasse da última maravilha da criação. Todos os anos me dizia que devíamos ir passar as férias no Spessart. Consumia-me, compreende, senhor... Perdão, ainda não sei como o senhor se chama.

— Chamo-me França.

— França?

— Sim... É como aqui me chamam. Trate-me por França...

— Alves de Campos, Serafim Alves de Campos — apresentou-se o outro.

Ambos esboçaram um cortês movimento de cabeça.

— O que eu queria dizer, compreende, senhor França, é que, sem saber alemão, graça poderia ter para mim uma viagem ao Spessart, e ainda por cima a uma aldeia tão miserável? Aldeias miseráveis temos nós aqui de sobra. Não deve valer a pena ir ao estrangeiro para isso, não acha?

— Sim, aqui também há muitas aldeias miseráveis — esquivou-se França, enquanto pensava: «Que olhar duro que ele tem agora!»

— De resto, os pais dela já tinham morrido. Não tinha um único parente na aldeola. «Que queres ir lá fazer, Retta? Se ao menos houvesse uma tiazinha que nos pudesse acolher», dizia-lhe eu. «Que tinha lá coisas melhores do que tiazinhas», respondia ela.

— Queria, talvez, ir à procura de recordações de infância — disse França, reconhecendo imediatamente a inutilidade de tal objecção, pois o outro olhou-o muito surprehendido.

— Mas eu já lhe disse que ela não tinha lá ninguém de família! — E continuou, seguindo a sua ideia: — Se se tratasse da Itália ou da França, enfim, ela talvez me tivesse convencido. Umas frases de italiano ou de francês sempre se arranhavam.

Comeu às colherzinhas o açúcar do fundo da chávena, baixando a cabeça. França olhou-lhe para o cabelo, dum negro-azulado, já a rarear bastante. Havia algo de meticoloso na maneira como trazia os cabelos, um por um, cautelosamente untados e esticados sobre a pele da cabeça de tom de marfim.

— Na verdade não fuma? — insistiu França, estendendo-lhe de novo os cigarros.

— Não, obrigado, nunca fumo.

— Faz o senhor muito bem — disse França, acendendo um cigarro.

— Retta fumava continuamente. Por isso era tão magrinha. Mais do que uma vez o médico lho proibiu, mas não queria saber do que diziam os médicos. Sabe, senhor França, cheguei-me a lembrar de que ela não tinha filhos por causa desse vício de fumar tanto.

— Isso não — disse França. — Uma coisa não tem nada que ver com a outra.

— Sabe-se lá, sabe-se lá... Retta era doida por crianças. Custava-lhe muito não ter filhos. Eu consolava-a dizendo-lhe que mesmo sem filhos éramos bem felizes...

Afastou a chávena e França viu-lhe de novo a mão a tremer.

— E não era mentira. Éramos bem felizes... embora ela, talvez, se pudesse, não hesitasse em trocar-me pelo seu Spessart...

— Todos idealizamos as coisas que deixámos para trás.

— Precisamente! É isso mesmo!

O outro sublinhou estas palavras com gestos rígidos do indicador.

— Quantas vezes eu lhe disse: «Repara bem, Retta, também a mim me não sai da cabeça a minha cidadezinha do Alentejo, mas de cada vez que lá vou — costumávamos passar o Natal com os meus pais —, de cada vez que lá vou, ao fim de vinte e quatro horas estou farto».

— Pois é, pois é — disse França, que, através da janela larga, via um magote de gente a sair da estação de S. Bento. Olhou para o relógio. «O com-boio do Douro», pensou.

— Não sou rico — continuou o outro — e sempre, desde pequeno, o meu maior desejo foi ter uma casa minha. Retta pouco ligava a isso. Em certas coisas era pouco feminina. Eu é que lhe lembrava constantemente que a mulher pertence à casa, e que para mim não podia haver maior alegria do que vê-la governar uma casa toda nossa, e que tínhamos de pensar no futuro, na velhice. Era assim que eu lhe falava. E assim é que devia fazer, não acha? E ela? «Futuro?», dizia. «Mas que me importa a mim o futuro? Nós não temos filhos e não quero ficar para velha. As mulheres velhas são feias». Dizia isto e outras coisas muito piores: Que eu achava, decerto, que uma mulher pertencia à casa e um homem ao café e ao bordel. Cal-

culê! Como se eu não me amolasse de manhã até à noite também por causa dela. Não podia levá-la ao café, pois não é verdade? Só imaginar a cara dos meus amigos! Nenhum deles leva a mulher ao café. E com aquilo do bordel queria aludir a umas aventurazitas minhas. Como se um homem ligasse importância a essas coisas... Quando uma noite cheguei muito tarde a casa, ela tinha-se fechado à chave no quarto. Dei-xou-me bater e chamar. Uma hora inteira. Uma hora inteira! Quando, por fim, abriu, teve o des-caramento de desatar às gargalhadas... Perdoe-me: estes estúpidos pormenores passam-me pela cabeça dia e noite. Devia concentrar-me no essencial... Decerto estou a magá-lo...

— Absolutamente nada — disse França, por-que um homem como França não era capaz de outra resposta. E acrescentou: — Há quanto tempo estavam casados?

— Ia fazer vinte anos no mês que vem. Quando a vi pela primeira vez, no palco, tinha ela deza-nove. Rapariga mais bonita não podia haver. Usava os caracóis até aqui (pôs a mão direita sobre o ombro esquerdo), caracóis cor de cobre. E tinha olhos verdes. Conjunto raro: cabelo cor de cobre e

olhos verdes. Esquisito foi também ela se ter agra-dado dos meus cabelos e dos meus olhos... (sorriu com vaidade modesta).

Interrompeu-se e baixou os olhos sobre o tampo de vidro da mesa. Daí a momentos continuou:

— Nunca me agradeceu por ter casado com ela. Achava a coisa mais natural deste mundo que eu, homem formado e funcionário, casasse com uma bailarina de revista. Ora, por causa dela quase que tinha deixado de falar com minha mãe. Mas nada disso lhe fazia impressão. Dizia-me: «Se não vos sirvo, posso-me muito bem ir embora». Como se não tivéssemos casado pela igreja e o ma-trimónio não fosse uma coisa sagrada! Palavra, por vezes era bem superficial e egoísta. Imagine o senhor: poucas semanas depois do nosso casa-mento queria voltar ao teatro. E eu tinha-lhe posto bem lealmente essa condição; se quisesse ser mi-nha mulher, nunca mais poderia voltar ao palco. Não faltava mais nada! A mulher de um homem formado a mostrar-se de calcinhas num palco. Um homem não se casa para expor a mulher como um objecto de venda.

— E ela aceitava as suas razões? — perguntou França, a quem Retta começou a interessar.

— Penso que não. Naquele dia em que lhe expliquei calmamente porque é que eu nunca poderia consentir tal disparate não me respondeu. Pôs-se a dançar pela sala e a cantar no seu português mascarado: «Sou mulher dum funcionário formado, sou mulher dum homem decente...» Aliás, era engraçadíssima quando lhe dava para palhaçadas assim, mas tirava-me toda a autoridade. Dava-me volta ao miolo... A verdade, porém, é que nunca mais formulou o desejo de voltar ao teatro.

— Estou em crer que ela gostava da sua profissão...

— Ora, ora! Uma mulher não gosta de profissões nenhuma. Uma mulher só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos. Tudo o mais são fantasias. Para o senhor ver quanto Retta gostava de ser bailarina basta dizer-lhe: passadas umas semanas sobre aquele dia em que lhe disse que não a deixava voltar ao teatro, veio-me com outra. Queria ser manicura. Gostava mais de ser professora, sempre convinha mais à mulher dum homem formado, mas como não tinha estudado para coisa tão decente... E que me diz agora, senhor França?

Para já o França não dizia coisa nenhuma, e o outro continuou:

— Desde então metiam-se-lhe na cabeça as ideias mais absurdas. Hoje queria ser enfermeira, amanhã empregada dum agência de viagens, depois caixeira dum perfume... Quando as mulheres não têm filhos, voltam a ser infantis.

França ficou de novo perplexo com a dureza de expressão do estranho, que prosseguiu:

— E à medida que ia para velha, ia ficando mais infantil. No Verão passado, por exemplo, queria, de repente, dar um passeio numa floresta. Calcule: floresta! Onde temos nós florestas? Só se for na serra do Marão ou na do Bugaco. «Retta, disse eu, então não temos um mar maravilhoso? Para quê uma estúpida floresta?» Enfureceu-se toda. Que estava farta do mar, que queria mas era uma floresta, tal como no seu Spessart. Havia de vê-la. Quase que me fulminava com os olhos, e isso nela era coisa muito rara. Por fim levei-a ao pinhal do Cabo do Mundo...

— Mas isso não é uma floresta!

— O que queria o senhor? Que eu inventasse uma floresta? Ou que faltasse à repartição para irmos ao Bugaco?... Levámos farnel e tudo. Quando

lá chegámos, e ela viu o pinhal, desatou a bater palmas e a gritar: «Bravo! Bravo!» E escangalhava-se a rir. Por fim pôs-se em bicos de pés e rodopiou com tal rapidez que eu ia ficando tonto só de olhar para ela. Nisso era espantosa. Com mais de trinta e cinco anos, ainda tinha a ligeireza de quando a vi pela primeira vez. «Serafim, homem!», gritou, «aquilo são uns palitos estupendos». Palitos chamava ela aos pinheiros de cá. Achava que tinham os troncos demasiado delgados.

França sorriu: — Uma comparação engraçada.

— Se calhar o senhor França também não gosta dos nossos pinheiros?

— Olhe que gosto. Gosto mesmo muito! Mas isso não me impede de achar engraçada a comparação.

— Está bem. Retta tinha dessas saídas engraçadas.

O estranho disse aquilo com ar de quem estava magoado. França ofereceu-lhe um sorriso animador. Queria ouvir mais sobre Retta.

— No princípio deste ano — continuou o outro — ocorreu-lhe que seria divertido almoçarmos todos os dias num restaurante. «Quero gozar a vida», disse. Como se durante vinte anos não tivés-

semos estado a gozar a vida. Não tínhamos uma casinha nossa, uma vida calma e sem preocupações? Para quê almoçar num restaurante, se ficava tão caro? Foi o que lhe fiz ver. Mas aquilo era uma autêntica obstinação. Queria à viva força almoçar num restaurante. Se ficava caro, que não me afliesse, despedia-se a criada. Não tendo que fazer o almogo não precisava dela, dava bem conta do recado. (Bateu nervosamente com os dedos na mesa)... O que me diz a isto? — perguntou com ânsia na voz, e inclinando-se tanto para França que este lhe sentiu a respiração.

Sem saber porquê, França teve a desagradável impressão de ser posto entre a espada e a parede.

— Não acho nada de extraordinário nisso — disse. — Porque não há-de uma mulher querer dis-
trair-se?

— Mas aquilo da criada? Por que raio havia ela de despedir a criada?

(Como se eu fosse o réu e ele o acusador. pensou França com desagrado), mas disse: — Não quereria ela compensar assim as despesas dos almogos? Acho louvável.

— Mas oiça. Eu, já se vê, cedi. Não havia outra coisa a fazer. É que ela não me deixava em

paz com aquela maldita ideia. Dantes era mais fácil convencê-la, era dócil, mas ultimamente tornava-se, de dia para dia, mais teimosa. Em suma: íamos todos os dias almoçar ao restaurante. Já lhe disse que fica ao lado daquele quiosque onde o encontrei. Um restaurante modesto, sem luxos. Mas ela enfeitava-se como se se tratasse do Infante de Sagres. Até àquela altura pareceu-me sempre que se vestia com desleixo e dizia-lhe muitas vezes, mas ela não queria saber. Agora, de repente, caía no extremo oposto. Lentejoulas e flores artificiais nos vestidos, e brinços tão grossos que nem cerejas. E cada chapelinho! Aposto que o senhor França nunca viu chapelinhos assim em toda a sua vida. Aliás, ela tinha um jeito especial para fazer chapéus. Uma das suas ideias infantis era ganhar dinheiro com isso, como se eu não fosse capaz de sustentar duas pessoas... O pior de todos foi o verde-mar. Parecia um cartucho e para cúmulo tinha uma pena vermelha espetada. «Para que havia de dar tanto nas vistas?» perguntei-lhe. «Ora», respondeu, «este chapéu diz bem com o meu cabelo...» O meu mal foi ser demasiado ingénuo. Mas eu não suspeitava de nada... Inconcebível! Só abri os olhos depois, quando já era tarde. Como

é que eu não dei pelo seu comportamento ordinário no restaurante? Cruzava as pernas descaradamente e fumava enquanto comia. Um dia perguntei-lhe: «Que quer isto dizer, Retta?» Chamou-me bota-de-elástico e ri-se de mim. Julgo que achava tudo ridículo. A vida, eu e até ela própria (riu num riso esquisito como que partido aos pedaços). Em casa também se portava dum modo singular nos últimos tempos. Assim, por exemplo, sentava-se, depois do jantar, num canto da sala, com um dos seus chapéus por acabar no colo. Era capaz de estar assim, sem pegar no trabalho, durante mais de meia hora, de olhos no vazio. «Em que pensas?», perguntava-lhe eu por vezes. Dava respostas sem pés nem cabeça. Ah!, só agora lhe vejo a manha! Não quis mas foi revelar-me os seus verdadeiros pensamentos. E eu tão ingénuo, eu sempre tão ingénuo...

— E que lhe respondia ela?

— Deus do Céu!, coisas tão desatinadas que um homem nem consegue fixar!... Uma vez disse-me mais ou menos isto: «É estranho Serafim, cada momento foge com o momento que se lhe segue e não volta nunca mais. É irremediável. Nunca mais! Não se pode riscar coisa nenhuma na

nossa vida...», ou então: «Na realidade não há um presente, mas só um passado. Tudo o que vivemos, vivemos para o poder recordar».

O desconhecido lançou um olhar interrogativo a França, à espera de que ele confirmasse o desatino dos pensamentos de Retta.

— São pensamentos que nos podem dominar em horas de solidão — disse França, e reparou que lá fora, na rua, se acendiam os candeeiros.

— Horas de solidão?! Não estava eu com ela na mesma sala? Horas de solidão! Valha-me Deus! Não íamos todos os dias almoçar ao restaurante, como ela queria? Não, meu caro senhor França, não me venha com essas. Não foi por mero acaso que fixe aquelas duas desatinadas respostas. É que elas trazem escondida toda a triste verdade (excitado, gesticulou, com o dedo indicador no ar). É que traziam água no bico... Só depois de ela estar morta compreendi isso... de hora para hora, a coisa afigura-se-me cada vez mais nítida...

Acenderam-se os candeeiros do tecto. A cara do estranho tornava agora tons esverdeados. Os seus olhos estavam de novo estúpidos de tanta tor-tura. E, de repente, a memória do França acordou: assim olhara para ele uma vez, no tempo da sua

meninice, um cão que, num dia de gelo, estava amarrado a um poste num pátio coberto de neve.

O estranho puxou a cadeira para junto de França e, com a sua voz rouca, continuou, em tom mais baixo:

— Foi a semana passada. No domingo de manhã. Costumo tomar banho ao domingo de manhã. Abri a torneira. «Retta!», chamei, «põe-me a roupa lavada em cima da cama». Ainda a ouvi ir para o antigo quarto da criada, onde guardava o tabuleiro da roupa passada a ferro na véspera. Depois fechei a porta. Devo ter estado a tomar banho durante uma hora ou mais. Quando fui para o quarto, não estava nem uma peça de roupa em cima da cama. «Retta!», chamei, «que é da minha roupa?» Lembrei-me de que ela talvez ainda estivesse a passar alguma coisa, ultimamente era bastante descuidada. Pensava mais nos seus disparatados chapelinhos do que nas minhas roupas... e pensava, provavelmente, em outras coisas em que lhe agradava pensar... «Então, isso ainda demora?», chamei. De resposta, nada. Passou-me pela cabeça que se tivesse escondido, para eu andar à procura dela. Era um dos seus entretenimentos favoritos, nos primeiros tempos do nosso casamento. Impa-

ciente, abri a porta do quarto da criada. Já eram onze e meia, e eu ainda queria dar um salto ao café, antes do almoço. «Retta», disse, «não sejas criança». E... (apertou o braco de França) imagine o senhor... estava estendida no chão, banhada em sangue... tinha cortado os pulsos... «Que é isso, Retta?», ainda cheguei a dizer...

Calou-se. Mas continuou a apertar o braco de França.

— Horrível! — disse França, abalado.

O outro largou-lhe o braco e enterrou a cabeça nas mãos. França achava que devia dizer alguma coisa, mas não foi capaz. De repente, o outro levantou a cabeça, de cara desfigurada e, num tom quase furioso, perguntou:

— Ela escondia-me qualquer coisa. Concorde agora?

Surpreendido, França só pôde murmurar:

— Não sei o que quer dizer...

Num gesto rápido, o outro tirou do bolso um pequeno objecto e entregou-o a França. Um broche. França pegou-lhe com dois dedos e levantou-o para o ver melhor à luz. Um broche de prata, revestido de esmalte cor-de-rosa, com três estrelinhas douradas, a cintilar. Nada de especialmente bonito.

Contudo era tão fino e delicado que França gostaria de o segurar nas mãos por mais tempo. Mas o outro fez um gesto impaciente e ele entregou-lhe o broche, dizendo apenas:

— E então?

— Encontrei-o na carteira dela. Quando voltei para casa, depois do enterro.

— Que é que isso tem?

— Mas não vê? Alguém lho deu, com certeza, já que não fui eu.

França compreende... e disse:

— Talvez ela o tenha comprado. As mulheres gostam dessas ninharias.

— E como se explica que não mo tenha mostrado?... Diga, diga: como se explica? — perguntou o outro num desespero provocador.

— Decerto queria fazer-lhe uma surpresa, espetá-lo nalgum vestido ou casaco antes que o senhor o visse. (Porque é que digo tanto disparate?, pensou França).

— Nesse caso não compreendo porque me abandonou então para sempre, antes de me ter feito, ao menos, essa surpresa — disse o outro com sarcasmo. — Oh! Não, a coisa não é tão simples como isso. Ela nem sequer podia comprar o broche

sem meu consentimento. Era caro de mais. Informe-me do preço. Pode ter custado aí uns setecentos escudos. Importado da França! Setecentos escudos! Não é bem uma fortuna, mas onde ia eia buscá-los, se eu lhe dava quinhentos todas as semanas para o governo da casa e se fazíamos contas todas as noites? Ah! ah! ah! Está pasmado, não está?

— Talvez o broche seja antigo, talvez o usasse como talismã e não quisesse mostrá-lo a ninguém — disse França, sem saber porque defendia com tal fervor uma mulher morta que nunca vira.

— Antigo! O senhor acredita no que está a dizer? É um trabalho moderníssimo, também disso me informei. A Retta não acreditava em aldrabices como talismã e outras coisas que tal.

— Mas quem lhe pode ter oferecido o broche-zinho? — perguntou França, como se não tivesse entendido a insinuação do outro.

— Quem?! O senhor ainda pergunta quem? O amante dela! Meu Deus!, nada mais claro. Almoçar no restaurante, chapéus disparatados, brincos que nem cerejas, e porquê? Porque o tipo estava lá, no restaurante. Se calhar logo na mesa pegada para poder admirar bem aquelas pernas provocan-

tes. Como é que eu não percebi coisa tão evidente? Despediu a criada para o poder receber sem empecilhos... Oh!...

Parecia ter esquecido onde estava, pois falava agora muito alto. Até bateu com o punho fechado na mesa.

— Por amor de Deus, não se aflija assim — disse França tentando acalmá-lo. — Isso tudo não passa de imaginação sua. Eu quase podia jurar que a sua mulher era honesta. (Porque é que digo eu tal coisa? E o que posso eu jurar? Ser-me-á indifferente que ela tenha ou não comprado o broche? Não desejaria eu até que não o tivesse comprado?)

— Está a falar a sério?

— Não tenho razões para o contrário.

Mas já o outro lhe apertava, de novo, o brago. — É compatriota dela. Vi-o no quiosque a falar com a dona e achei-o logo simpático, pessoa sem cerimónias, parecia-me esperto, ajuizado. Diga-me: uma mulher que foi bailarina de revista pode ser uma mulher séria?

Estupefacto, o França respondeu:

— Sem dúvida! Tenho encontrado mulheres admiráveis entre as bailarinas de revista (quase

se ia convencendo a si próprio de que tinha conhecido muitas bailarinas de revista).

— Continuo a almoçar no mesmo restaurante — disse o outro, que parecia não ter ouvido nada. — Tenho de descobrir quem foi o patife. Não admito que me tomem por lórpa. Não admito, não! Tenho de matá-lo, a esse bandido... Mas como hei-de reconhecê-lo? Não reparava nas pessoas que entravam quando lá ia com a Retta. Para que é que havia de reparar? Não suspeitava de nada. E agora, de cada vez que entra um homem, penso: É este! Mas quem me diz se o é, de facto?! Isto dá comigo em doido...

França libertou o brago da mão do outro, calmo mas firme, e disse: — Deixe passar algum tempo e há-de ver que, com certeza, tudo se passou de um modo diferente, totalmente diferente daquilo que está agora a cismar. Com certeza os chapéus da Retta (disse «da Retta» como se a tivesse conhecido muito bem) não eram assim tão disparatados, nem ela se enfeitava com tanto espalhafato. Na realidade...

— E o broche? — interrompeu o outro, como quem puxa por um trunfo.

— Não pense tanto nisso. Deixe-a em paz com o seu pequeno segredo, agora que está morta.

— Ah! — gritou o outro. — Chama-lhe pequeno segredo? Essa é boa. Então, já agora, diga-me: porque é que ela se matou? Tinha alguma razão ou acha que as pessoas se matam por brincadeira?

França ficou calado. Olhou para o relógio da estação. Tinha faltado a um encontro de negócios. Chegaria tarde para jantar.

— Vê, senhor França? Agora cala-se.

— Talvez ela tivesse tendências para o suicídio — disse França, sem convicção, pois sentia-se terrivelmente cansado.

— Nunca dei por isso — disse o outro com ironia.

Pobre Retta!, pensou França e acenou para o criado.

O outro pôs depressa duas moedas sobre a mesa: — Quem paga, sou eu.

— Obrigado — disse França. — Tenho de me ir embora, é tarde.

Na paragem, França encostou-se a uma árvore, fatigado, desalentado. Por um velho hábito ergueu o olhar para o D. Pedro, montado no seu cavalo,

e depois para as letras vermelhas a destacarem-se no céu escuro: «Porto Sandeman». Assim estivera, há vinte anos, ali, naquele mesmo sítio, um estranho em terra estranha, de mala na mão...

O outro quebrou o fio das suas recordações:

— Não posso pensar noutra coisa, não posso pensar noutra coisa; ela enganou-me.

Pobre Retta! Tão solitária até à morte, pensou França.

O eléctrico aproximou-se. Num inexplicável impulso de compaixão, França apertou a mão do estranho:

— Era capaz de pôr as mãos no fogo por ela.

Por um momento os olhos do estranho iluminaram-se como que numa surpresa deliciosa. Mas logo a seguir voltaram a ser os olhos daquele cão, preso ao poste, no pátio coberto de neve.

França subiu para o carro. Sentado à janela, viu lá fora o homem do chapéu descommunal, hirtto, atencioso, à espera que o eléctrico partisse. Nesse momento — não, França não se enganava — nesse momento surgiu uma mulher, baixa e franzina, ao lado do homem. No cabelo cor de cobre trazia um chapelinho verde em forma de cartucho, com uma pena vermelha espetada. Os seus olhos verdes olha-

vam para França com uma cumplicidade agarrada e, com a mão muito branca e muito esguia, apontou o broche preso na lapela do casaco. As três estrelinhas cintilavam, pareciam querer saltar para o espaço. França acenou com a mão, num cumprimento. E, enquanto Retta se inclinava com tanta graça como se estivesse num palco a agradecer os aplausos, o estranho tirou o seu chapéu descommunal.

O carro eléctrico pôs-se em movimento. Entrou na curva. E França pensou:

Devia ter-lhe perguntado onde é que ela está enterrada. Quando o encontrar outra vez, tenho de lhe perguntar. Hei-de levar flores a Retta... as mulheres como ela costumam gostar de flores...

Ambrósia

CHAMA-SE Ambrósia e é gorda e balofa. Conhecemo-nos numa praia quando ela ainda era magra e estudava Direito. Lado a lado, estendidas ao sol, debatíamos assuntos transcendentes, do género dos insolúveis, como os que certos homens debatem nos cafés e algumas mulheres durante as férias. Ambrósia pertencia à categoria das pessoas muito sabidas e categóricas que criticam, sentenciam e condenam sem remissão e em bloco. Uma das suas classificações predilectas era «droga».

Saíra o meu primeiro livro. Ora para quem publica um primeiro livro o mundo gira à volta desse livro e por causa do mesmo livro. Não consegue olhar para ninguém sem se perguntar: Terá lido

o meu livro? Um estado alucinante mas, ao mesmo tempo, lamentável. Alucinante por se chegar ao desvairto de se ter como a pessoa mais talentosa, mais essencial entre a humanidade, mais centro do Universo, como só acontece aos adolescentes. Lamentável por tudo isso não passar duma triste ilusão, dum sonho cor-de-rosa de que depressa se acorda, desesperado e deprimido.

Encontrei Ambrósia. Levava debaixo do braço
A Montanha Mágica.

— Já leste? — perguntou.

Eu já tinha lido e disse achar o livro maravilhoso.

— Tão longe não vou — disse Ambrósia, que nunca ia longe nos elogios. — Mas não é mau, não senhora.

Eu sempre a cismar: Terá lido o meu livro? Mas não me atrevi a perguntar. Ao apertarmos as mãos para a despedida ela atirou como por acaso: — Ai é verdade, que distraída que sou! Constatou-me que escreveste um livro.

Encolhi os ombros como quem não dá importância a um acontecimento secundário. De resto

A Montanha Mágica lá estava debaixo do seu braço como um aviso: Não te atrevas...

— Deve ter interesse — achou Ambrósia, com ar insuportavelmente maternal.

Calei-me. Pretendia ela, porventura, que eu dissesse que sim, que o meu livro tinha interesse?

— Então o teu livro? Vende-se? — perguntou Ambrósia com esse ar de condescendência que tão bem sabia tomar.

— Bastante bem — respondi, pois não lhe ia, de maneira nenhuma, confessar que os míseros mil exemplares da edição não se haviam esgotado num mês como eu imaginara.

— Já o devia ter comprado. Ando muito esquecida...

— Não te preocupes — interrompia-a. — Não vale a pena.

— Não vale a pena porquê?

Olhou para mim com esse modo da minha antiga professora de Física a quem eu temia como à peste. Por isso faltou-me presença de espírito para uma resposta adequada. Vendo-me embaraçada,

tirou debaixo do braço a *Thérèse Desqueyroux* e disse:

— Não é nada mau.

Ao ver-lhe *As Vinhas da Ira* antecipei-me:

— Um grande livro! Uma epopeia.

— Enfim, sempre vale a pena ler.

Nesta altura eu já acordara do meu sonho infantil. Mas mesmo assim ousara escrever outro livro.

— Credo — atacou Ambrósia —, parece que já publicaste outro livro. E eu ainda não li o primeiro. Tenho de me pôr em dia antes que te lembres de pôr cá fora mais um.

Efectivamente pus cá fora mais um. Ambrósia fizera-se, entretanto, doutora e volumosa. Casara com um engenheiro, volumoso também e de nariz de *boxeur*. Apresentando-me, acrescentou, «a escritora».

— Muito prazer — disse o engenheiro num tom distraidamente formal. Assim era-me fácil perceber que o meu nome lhe era desconhecido.

Levara debaixo do braço uma revista de capa lustrada.

— O nosso dinheiro vai agora em leituras especializadas — explicou Ambrósia. Em seguida creceu em altura e largura: — É imperdoável que eu ainda não tenha lido nenhum dos teus livros.

O engenheiro sorriu, mas não sei dizer porquê.

De novo sòzinha cismeiei: Mando-lhe os livros? Com uma dedicatória? Por exemplo: *A Ambrósia para que me deixe em paz, de uma vez para sempre*.

Não e mil vezes não! Que me torture até ao fim da vida. Que me acuse com todas as obras-primas da literatura do mundo e com todas as leituras de especialização. Que vá mesmo para o diabo! Mas das minhas «drogas» não lhe ofereço nenhuma.

A Tilia

«QUEM abater uma tília, no mesmo dia morre», dizia-se na minha terra, onde na Avenida das Tílias florescia, num amarelo suave e num aroma voluptuoso, todos os anos, cem velhas e magníficas tílias.

As pessoas prosaicas, as de bom senso, riam-se disso. Alegavam que, há uns tantos séculos, um burgomestre bom, sábio e também vaidoso, fizera abrir a avenida, plantar as cem tílias e divulgar aquele dito para, dessa maneira, assegurar à sua obra uma vida longa. Por sua vez as pessoas crédulas, de alma pueril, afirmavam que Deus tinha especial predilecção pelas tílias e castigava todo aquele que atentasse contra elas. Quem tinha razão e quem estava enganado não me compete a mim decidir. Se, devido ao meu feito um tanto realista,

à explicação das pessoas de bom senso me parece bastante óbvia, não posso esquecer-me, no entanto, de que há na natureza coisas obscuras, misteriosas, não só quanto aos homens, mas também quanto aos animais, às plantas e às relações entre uns e outros. Mas deixemo-nos de filosofias e vejamos o que aconteceu lá na minha longínqua terra do Norte:

Na Estrada Pequena, em frente ao bosque, havia uma cervejaria, O Bom Repouso, propriedade de Erich Titiemann, rapaz franzino, de cabelo cor de palha, a quem toda a gente chamava o Sunny Boy. Durante quatro gerações a casa pertencera à família do comerciante Rade. Constatava que o bisavô Rade, grande trabalhador e bairrista obcecado, que trepara de caixeiro a patrão e a mandara construir, plantara com as suas próprias mãos uma pequena tilia no quintal. À medida que ela crescia ia-a transplantando, o que fez umas três vezes. Acabou finalmente por destinar-lhe o lugar em frente da casa, onde, no decorrer dos anos, se foi fazendo a mais bela, a mais frondosa de todas as tilias da região. Tão agarrado o bisavô Rade tinha sido à sua terra e a tudo que a ela se ligava, como desprendido se mostrava, um século depois, o seu bisneto pela vida acanhada da vila. Ansiava

por sair de lá desde o primeiro dia em que o tinham levado a ver uma cidade grande, movimentada, excitante. Por isso, logo que se apanhou sem tutelas, vendeu todos os bens da família, ganhos com muito afínco, e abalou para nunca mais voltar. O rico lavrador Titiemann comprou a casa da Estrada Pequena e transformou-a numa cervejaria para o seu filho Erich, o Sunny Boy, que, dada a sua debilidade física, não prestava para a lavoura.

Na altura em que o Sunny Boy tomou conta da casa o tronco da famosa tilia tinha atingido uma largura tal que eram necessários dois homens para a abraçar.

A Estrada Pequena transformou-se também numa artéria de grande trânsito, o que favorecia visivelmente a cervejaria. O negócio, sem exagero, ia de vento em popa. Todos os domingos — à tarde e à noite — Männe, o pianista, e Willi, o violinista, tocavam ritmos da dança: no Inverno na sala de festas e no Verão no jardim, onde as mesas mais disputadas eram as que ficavam debaixo da tilia.

Muitas raparigas bonitas ou ricas da vila ali-mentavam a esperança de que Sunny Boy se casasse com uma delas. Não o queriam tanto pelo

seu dinheiro como por ter um físico delicado, um pouco efeminado, e pequenos saca-rolhas a caírem-lhe da testa, pois estavam enfastiadas dos rapazes sadios e robustos. Mas Sunny Boy aspirava a coisa mais alta e foi buscar uma rapariga da capital. Era muito bonita com o seu cabelo cor de fogo e a pele muito branca, mas tão *coquette* que até as pálpebras pintava. Chamava-se Steffi.

Steffi ficava toda a manhã na cama até ao meio-dia e gastava uma hora inteira para se arranjarem. À tarde ajudava a servir as bebidas enquanto palrava e ria com os homens. Nenhuma mulher na vila se ria tão endiabradamente, deitava a cabeça para trás com tanta garriça ou punha as mãos nas ancas com aquela ousadia. Na vila falava-se disso com desagrado. Mas verdadeiro escândalo causava Steffi quando tocava violino. Não que não houvesse também por aqueles sítios mulheres que tocassem violino, mas a maneira de tocar de Steffi era tão estranha como o seu comportamento, e o violino tinha a mesma cor de fogo do seu cabelo. Aos domingos, quando Männe e Willi faziam um intervalo para descansar e para se refrescarem com uma caneca de cerveja, ela tirava do estojo o seu violino e dasatava a tocar como

uma possessa. Aquelles dancarinos que nunca se fartavam aproveitavam para pular como malquinhos ao ritmo selvagem daquela música, mas nem por isso deixavam de segredar, como os outros que ficavam sentados às mesas: ali anda coisa. E pagavam os mais variados boatos sobre o Sunny Boy e a sua singular mulher.

O Sunny Boy era doido por ela. Abraçava-a e cobria-a de beijos diante de toda a gente. Que ela tinha o diabo no corpo, diziam os homens. Que era uma ordinária, diziam as mulheres.

Passados dois anos sobre aquele casamento vulgar, a linda Steffi, de repente, achou que a filha lhe roubava a luz do quarto, da parte da manhã, quando estava na cama a ler romances.

— Corta-a, Sunny Boy — pediu. — Estou a estragar a minha vista.

O Sunny Boy, assustado, fez-lhe ver:

— Quem abater uma filha morre no mesmo dia, Steffi.

Ela deitou a cabeça para trás, num gesto impetuoso, sacudiu o cabelo cor de fogo eriu-se des-temperadamente:

— E tu acreditas nessa história da carochinha, Sunny Boy?

— Toda a gente acredita, Steffi.

— Toda a gente! Os simplórios desta terreola são «toda a gente»? Na capital ninguém se fia em tais parvoíces.

A partir de então ela matava-lhe o bicho do ouvido: a tília era-lhe insuportável; a tília tinha culpa de ela ficar, em breve, desfigurada por ter de usar óculos; só poltrões e «bananas» acreditavam em histórias da carochinha... E não consentia que a beijasse, nos seus acessos de paixão, diante dos fregueses da cervejaria.

— Vai antes beijar a tua tília — dizia cruelmente.

Sunny Boy resistiu bastante tempo, mas quando ela começou a negar-se-lhe mesmo no isolamento do seu quarto, decidiu abater a tília, a mais linda e mais frondosa tília de toda a região.

Horrorizado, o povo juntou-se em frente de O Bom Repouso. Ninguém falava. Pela primeira vez assistiam ao derrubar de uma tília.

Lá em cima, à janela do quarto do casal, estava Steffi. O cabelo brilhava-lhe como uma chama e o pescoço ressaltava muito branco do seu vestido cor de musgo. Nunca ninguém a vira tão bela. Depois de cada golpe do machado o Sunny Boy

erguia o olhar para ela, colhendo um sorriso de aprovação.

Havia pessoas que, mais tarde, contavam ter ouvido a tília suspirar e outras que afirmavam ter visto manchas de sangue no machado do Sunny Boy. Ai o povo! O povo ouve e vê tanta coisa e nunca lhe faltam histórias horripilantes para contar.

Quando o suor começou a escorrer da testa do Sunny Boy, Steffi foi buscar o violino.

— Com música trabalhava-se melhor, Sunny Boy! — animou-o lá de cima.

Altiava, levou o violino ao queixo e tocou a velha canção: *Ao pé da fonte há uma tília*. Não a tocou com tristeza — e contudo é uma canção triste — mas ao ritmo brincahão das brejeirices.

Quando Sunny Boy pegou na serra o povo deu um salto para trás. O acto aproximava-se do fim. A majestosa tília começou lentamente a inclinar-se e tombou por terra. Em plena floração, estendida no esplendor do seu colorido e na voluptuosidade do seu aroma, ainda cheia de seiva e de vida, tentou uma rapariga que correu para colher um ramo. Brados de advertência: «Enlouqueceste? Não te atrevas!», fizeram-na recuar.

— Bravo! Bravo! — gritou lá de cima Steffi. Depois desceu a correr para estender uma caneca de cerveja fresca ao Sunny Boy.

— Satisfeita? — perguntou.

Em resposta beijou-o diante de toda a gente.

E a filha, a bela filha em flor, ali estava na sua frente, morta, vencida...

Vencida? Porque então esses vivos lúgubres que encheram aquela noite e amedrontaram os habitantes da vila? Que teria dado ao *Luchs*, o fiel cão pastor do Sunny Boy? Oh, tão fúteis as vaidades humanas! *Luchs* chorava a morte do seu dono, o pobre Sunny Boy.

«Coração», disse o médico. As pessoas de bom senso eram categóricas: «Pois claro, que outra coisa se podia esperar? Aquele franganote que nem sequer prestava para a lavoura, de repente achava-se capaz de tanta coisa duma vez só: abater uma velha filha e aguentar ainda por cima a gratificação duma fêmea turbulenta?» Os outros, os crédulos, esses, já se vê, estremeceram até o mais íntimo da sua alma pueril.

Coberta de véus negros, Steffi assistiu ao enterro do Sunny Boy. Ninguém a viu chorar, mas, sabe-se: à tardinha, quando o Sol em brasa se pôs

no horizonte, atravessou o bosque de cabeça erguida, o violino cor de fogo debaixo do braço. Junto do rio quedou-se por uns momentos, alta e sobremaneira bela. Depois atirou com o violino para a água. Num ímpeto raivoso, como se uma ventania doida o impedisse, o rio arrastou-o consigo. Ainda se sabe que o violino não se afundou, mas o que não sabe é onde foi parar.

Depois disso Steffi partiu. Só *Luchs*, o fiel cão pastor do Sunny Boy, a acompanhou ao comboio e lambeu-lhe, submisso, a mão.

Indice

	Pág.
Encontro no Outono	9
O Poema	77
Retta ou os Ciúmes da Morte	83
Ambrosia	119
A Tília	127

COLEÇÃO CONTEMPORANEA

- 1 A TERRA FOI-LHE NEGADA
par *Martha da Graça Freire*
2.ª edição
- 2 O ELREITO
por *Thomas Mann*
- 3 O MINISTÉRIO DO MEDO
por *Graham Greene*
2.ª edição
- 4 O PREGADOR
por *Erskine Caldwell*
2.ª edição
- 5 A VIOLA
por *Michel del Castillo*
- 6 COM RAZÃO OU SEM ELA
por *Claude Roy*
- 7 ROSAS À PRESTAÇÕES
por *Elsa Tivolei*
- 8 APARIÇÃO
por *Vergílio Ferreira*
4.ª edição
- 9 UMA FENDA NA MURALHA
por *Alves Redol*
2.ª edição
- 10 O DEDO DE DEUS
por *Erskine Caldwell*
(fora do mercado)
- 11 O GRANDE GATSBY
por *F. Scott Fitzgerald*
- 12 325 000 FRANCOIS
por *Roger Vailand*
- 13 HISTÓRIAS DE MULHERES
por *José Régio*
2.ª edição, esgotada
- 14 MANHÃ SUBMERSA
por *Vergílio Ferreira*
2.ª edição
- 15 OLHOS DE ÁGUA
por *Alves Redol*
2.ª edição
- 16 VIDAS SECAS
por *Graciliano Ramos*
2.ª edição
- 17 O CAVALO ESPANTADO
por *Alves Redol*
- 18 AS COLINAS DA IRA
por *Leon Uris*
2.ª edição
- 19 CRISTO PAROU EM EBOLA
por *Carlo Levi*
- 20 DEPOIS DA CICUTA
por *Angus Wilson*
- 21 O CÔNDE
por *Alain Robbe-Grillet*
- 22 PRAIAS DA BARRARIA
por *Norman Mailer*
- 23 O ADEUS DAS MOSCAS
por *William Golding*
- 24 O ROSTO DA INOCENCIA
por *William Sansom*
- 25 PORTA DE MINERVA
por *Brinquinho da Fonseca*
2.ª edição
- 26 CORPO AUSENTE
por *Mário Braga*

- 27 LUNA-PARQUE
por *Elsa Trialet*
- 28 ESCALADA
por *Faure da Rosa*
- 29 BARFANCO DE CEGOS
por *Alves Redol*
2.ª edição
- 30 TALVEZ SEJAM VAGABUNDOS
por *Maria da Graça Freire*
- 31 TERRA E A NOITE
por *F. Scott Fitzgerald*
- 32 CRONICA FAMILIAR
por *Vasco Pratolini*
- 33 ESTRELA POLAR
por *Vergílio Ferreira*
- 34 FELIZMENTE HÁ LUAR!
por *Luís de Sttau Monteiro*
Esgotado
- 35 SOB CÉUS ESTRANHOS
por *Isé Losa*
- 36 HÁ MAIS MUNDOS
por *José Régio*
2.ª edição
- 37 O CÉU CAI
por *Lorenza Mazzetti*
- 38 OS DEUSES TEM SEDE
por *Anatole France*
- 39 SEARA DE VENTO
por *Manuel da Fonseca*
2.ª edição
- 40 A CIDADE E A PLANÍCIE
por *Faure da Rosa*
- 41 ANGÚSTIA
por *Graciliano Ramos*
- 41 O VENTO
por *Claude Simon*
- 43 SABADO A NOITE E DOMINGO
DE MANHÃ
por *Alan Suttie*
- 44 FANGA
por *Alves Redol*
6.ª edição
- 45 APELO DA NOITE
por *Vergílio Ferreira*
- 46 UMA ABELHA NA CHUVA
por *Carlos de Oliveira*
3.ª edição
- 47 ILUSÕES
por *Ruth Reinman*
- 48 AVENTURAS MARAVILHOSAS
DE JOÃO SEM MEDO
por *José Gomes Ferreira*
- 49 MORRERAM PELA PATRIA
por *Cholokov*
3.ª edição
- 50 O FIEL E A PEDRA
por *Osmun Lins*
- 51 RIO TURVO
por *Branquinho da Fonseca*
- 52 VIAGEM INCOMPLETA
por *Mário Braga*
- 53 HISTÓRIAS AFLUENTES
por *Alves Redol*
- 54 O PRÊMIO
por *Irving Wallace*
3.ª edição
- 55 ANÚNCIO
por *Alves Redol*
3.ª edição
- 56 OS RATONEIROS
por *William Faulkner*
- 57 CASA NA DUNA
por *Carlos de Oliveira*
3.ª edição
- 59 SEMANA NEGRA
por *Enrico Emmanuel*
- 60 LUTO NO PARAÍSO
por *Juan Goytisolo*
- 61 PÃO INCERTO
por *Assis Esperança*
- 62 AS TRÊS SERRIAS
por *Irving Wallace*
3.ª edição
- 63 TERRA DO NOSSO PÃO
por *Antunes da Silva*
- 64 O CLANDESTINO
por *Mário Tobino*
- 65 MAR SANTO
por *Branquinho da Fonseca*
- 66 AS NOITES DE SALOMÃO FOR-
TUNATO
por *Maria da Graça Freire*
- 67 O DIABO EM PONTIELUNGO
por *Riccardo Bacchelli*
- 68 ENCONTRO NO OUTONO
por *Isé Losa*
2.ª edição
- 69 ASSEMBLEIA DE MULHERES
por *Natália Nunes*
- 70 UMA VIDA VIOLENTA
por *Pier Paolo Pasolini*
- 71 O DESERTO
por *Félix Cucurull*
- 72 O SABOR DA VIDA
por *Marta de Lima*
- 73 DIAS LAMACENTOS
por *Urbano Tavares Rodrigues*
- 74 O SINO
por *Iris Murdoch*
- 75 VIVER COM OS OUTROS
por *Isabel da Nóbrega*
2.ª edição
- 76 EM FRENTE DA PORTA, DO
LADO DE FORA
por *Wolfgang Borchert*
- 77 UM SENTIDO DA REALIDADE
por *Griffith Greene*
- 78 DIÁRIO DE ÉDIPLO
por *Alberto Ferreira*
2.ª edição
- 79 CAETES
por *Graciliano Ramos*
- 80 SOLIDÃO
por *Irene Lisboa*
3.ª edição
- 81 AS IMAGENS DESTRUIDAS
por *Faure da Rosa*
- 82 ESTE LADO DO PARAÍSO
por *F. Scott Fitzgerald*
- 83 OS ARMARIOS VAZIOS
por *Maria Judite de Carvalho*
- 84 AUTOBIOGRAFIA DE UMA MU-
LHER ROMÂNTICA
por *Natália Nunes*
2.ª edição
- 85 CONTOS EXEMPLARES
por *Sophia de Mello Breyner
Andersen*
2.ª edição

Este livro foi composto
e impresso para a
PORTUGALIA EDITORA
nas oficinas
da Sociedade Industrial Gráfica
LISBOA

Abril de 1966

NESTA COLEÇÃO

SOB CÉUS ESTRANHOS

por ILSE LOSA

É verdade que Ilse Losa criou, neste novo romance, a sua primeira obra de ambiente português; mas a problemática que nele se desenvolve não resulta de uma dialéctica humana com origem nesse ambiente. Querendo resumi-la, talvez nos aproximássemos da verdade dizendo que o nosso povo constitui apenas a variável dependente de uma função cujo termo fundamental lhe é estranho. Um estrangeiro, escorregado da pátria pela barbárie nazi, com um doce passado, relações humanas, afectos, sentimentos pervertidos por um presente implodido, procura, com desespero de naufrago, agarrar-se a terra firme ou a um simulacro. Por muito bem que o recebam — e a gente portuguesa acabará por surpreendê-lo com a sua terna bondade, com a sua falta de relutância em abrir as portas do lar ao *estrangeiro*, sobretudo quando infeliz —, por muito que tente integrar-se ou, ao menos, compreender problemas de uma sociedade a que é alheio; ainda mesmo que chegue ao ponto de unir-se pelo casamento e depois por um filho (raiz mais funda de uma nova estabilização humana) ao povo onde buscou refúgio: apesar de tudo isto, poderá alguma vez, reencontrar a dimensão perdida a *habitabilidade*, com tudo quanto ela tem de complexo e que a antiga pátria jamais lhe conseguirá proporcionar?

Este problema, de largo significado universalista, pois transcende fronteiras e, mais ainda, as põe em discussão, embora não passe sem elas — é o tema profundo à roda do qual se estrutura *Sob Céus Estranhos*, obra amadurecida, rica e humaníssima.



00005401